

Simonsen: inflação deve ficar em 18%.

Não é um bom resultado, diz o ex-ministro, que não espera milagres nem afasta o risco da hiperinflação.

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen concordou ontem, no Rio, com a previsão do presidente do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Charles Mueller, de que a inflação mostra uma tendência de se estabilizar no patamar de 18% ao mês, sem grandes variações para cima ou para baixo. Simonsen lembrou que o próprio ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, classificou essa inflação de "indecente", razão porque não se pode ficar satisfeito com esse resultado.

Para Simonsen, mesmo com a inflação estabilizada no patamar de 18%, em decorrência de queda da demanda e dos esforços do governo em conter o déficit público e a expansão monetária, existe o perigo da hiperinflação. Ela poderia ocorrer, diz, em consequência de medidor de caráter político, como a aprova-

ção pela Assembléia Constituinte da anistia das dívidas dos microempresários e agricultores que se acham prejudicados pelo Plano Cruzado.

Ele aceita, porém, que a curto prazo, é possível evitar taxas inflacionárias de 25 a 30%. Num horizonte mais longo, de dois anos aproximadamente, entende que a inflação pode ser reduzida gradualmente até um patamar de 50% ao ano, desde que o governo mantenha o objetivo de corrigir o desequilíbrio das contas públicas e evitar a expansão monetária.

Simonsen, que foi ministro da Fazenda no governo Geisel, descartou a possibilidade de uma redução drástica da inflação ainda no governo Sarney, afirmado que "qualquer tentativa de tratamento de choque na economia seria artificial e não daria certo". Para

ele, o corte do déficit público é tarefa que exige um prazo de dois anos.

Para que o Brasil tenha taxas inflacionárias decentes, semelhantes às dos países industrializados, Simonsen afirma que é necessário primeiro fazer o ajuste das contas internas. Somente com um orçamento equilibrado, com o déficit público zerado e uma expansão monetária anual de 10% se pode esperar uma inflação de 10% — ele afirma.

Simonsen entende que, no momento, a política econômica do governo está na direção certa. Alerta, no entanto, para que o Banco Central verifique atentamente o grau de liquidez da economia, dizendo que ninguém sabe se há ou não excesso. Segundo o ex-ministro, em período de incertezas na área econômica, as empresas preferem adotar uma posição de liquidez, ao invés de investir.